

N. 29/3
86

Oliveira: Guerra ganha-se fatia a fatia

Ouvindo Paulo Oliveira, o exportavoz dos bandidos armados em Lisboa, uma vez mais ressalta quão tortuosa, torpe e suja é a conspiração contra a República Popular de Moçambique. Antigos capitalistas em Moçambique, antigos militares portugueses, sul-africanos, anticomunistas europeus e reacccionários nacionais de todas as cores políticas e ideológicas macunaram-se contra nós numa única aposta: destruir seja a que preço for, seja porque métodos forem, o Estado moçambicano, o governo moçambicano, a sociedade moçambicana. Uns são movidos pela vingança da descolonização; outros por ambições políticas; outros por um militantismo de direita e os sul-africanos por um ódio primitivo a tudo o que cheire a preto e a liberdade.

A violação da soberania moçambicana é uma coisa trivial para a África do Sul antes e depois do acordo de Nkomati. Passeiam-se pelo espaço aéreo nacional com aviões carregados de munições, motorizadas para as deslocações dos cabecilhas dos bandidos, caixas de medicamentos e, por vezes, com jornalistas. Literalmente gozam com a nossa fraca capacidade defensiva. Mas quando nos pomos diante deles e exigimos o cumprimento da letra e espírito de Nkomati juram a pés juntos que eles têm sido os mais fiéis cumpridores do acordo e que nós é que devemos ter cuidado com as bases do ANC em Moçambique.

Se formos a chamar a atenção aos mais sólidos aliados de Pretória com luvinhas mansas dirão que compreendem os nossos problemas e dificuldades, que aceitam as nossas denúncias em relação à África do Sul mas que o problema, problema mesmo sério, é a falta de provas. Não há, dizem, provas do envolvimento da África do Sul com os bandidos armados.

Mas isto vai mais longe, muito mais longe: no Transval, em Phalaborwa, está o comando-geral dos bandidos armados com comunicações sofisticadas para todo o nosso território, para Portugal, e RFA. Em Portugal o centro de comunicações estava (ou está) montado em casa de Paulo Oliveira. Ele próprio o diz. Pergunta: como é que aparelhagem de comunicação militar pode estar em casa de um civil ainda por cima para se comunicar com um país estrangeiro onde o centro de recepção está numa unidade militar? Pessoalmente não ficarei admirado quando de Portugal vier a informação de que, segundo o regulamento dos radio-amadores, é possível ter tal aparelhagem em casa sem violar a lei e a Constituição...

Muito torpe e suja é esta conspiração. E algo permite dizer que o que se vê ainda é apenas a ponta do iceberg; que tudo leva a crer que a procissão ainda vai no adro. E é aqui que dói ser pequeno porque você não consegue fazer mais nada senão denunciar, uma denúncia que a hábil contra-informação inimiga neutraliza e a cumplicidade dos aliados silencia.

Você fica metido neste círculo vicioso: numa mão apanha a palmatória; noutra mão dão-lhe a tintura com que se vai curer das feridas abertas pela palmatória...

Todavia, lá diz o provérbio: água mole em pedra dura...

E de facto a persistência com que a diplomacia moçambicana tem vindo a procurar esclarecer as chancelarias de todo o mundo sobre a verdadeira natureza da guerra que nos é movida tem dado resultados positivos. Um número crescente de governos em todo o mundo tem vindo a manifestar a sua solidariedade. A deserção de Paulo Oliveira vem a funcionar como oiro sobre azul para a opinião pública mundial e para o consenso de muitos governos as denúncias de Paulo Oliveira, no que diz respeito à África do Sul, são esclarecedoras. Ele foi chefe da ala portuguesa do banditismo, teve contactos directos com os sul-africanos, esteve nas bases que treinam os bandidos e... está disposto a revelar tudo o que sabe.

Não será esta (Paulo Oliveira em pessoa) uma prova mais do que suficiente do envolvimento da África do Sul no treino, equipamento, infiltração, apoio logístico e direcção militar do banditismo armado em Moçambique? Será ainda legítimo para os governos que encolhem os ombros exigindo provas continuar a clamar por essas provas?

* * *

Muitos de nós estávamos cépticos em relação aos resultados da Lei da Amnistia decretada pela Assembleia Popular. Não acreditávamos que pudesse dar resultados palpáveis. Mas, embora Oliveira não seja directamente abrangido pela lei, podemos considerar que aí está o primeiro grande resultado da política de clemência a juntar à deserção de muitos bandidos no teatro de operações. Por isso daqui cabe também saudar a ousadia da Assembleia Popular ao decretar medida tão delicada e mesmo polémica numa altura em que os caminhos para a paz se mostram sinuosos.

As provas da desarticulação das chefias dos bandidos avolumam-se. Naturalmente não podemos cair no triunfalismo esquecendo que se é verdade que um Oliveira se entregou não é menos verdade que os maiores terroristas continuam acoitados em bases implantadas no território nacional para onde se passeiam os sul-africanos sempre que o desejarem... com aviões sem matrícula. Não podemos cair no triunfalismo, sim, mas cabe uma justa satisfação pois que ganhámos um ponto e a guerra, como o pão, come-se (ganha-se) fatia a fatia na área militar e diplomática.